

Tecnobiografia

Bem, meu nome é Nilson Roberto de Novaes Alves. Nascido e criado na cidade de Jequié, interior da Bahia. Tenho trinta e três anos de idade. Graduado em Letras Português-Inglês. Possuo especializações em cada uma das línguas nas quais possuo habilidades para utilizar e ensina. Além disso, sou mestrando de um dos programas na área de letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Sou professor efetivo nas redes públicas de Educação Básica, estado e município, há oito anos, respectivamente.

Tudo começou quando, ainda era estudante do primeiro ano do Ensino Médio, após uma aula teórica sobre um dos assuntos da disciplina Física, tentei solucionar uma dada questão, aplicando a fórmula própria para aquele dado problema, sem obter êxito. Foi aí que percebi que no enunciado havia a palavra RESPECTIVAMENTE, e que eu não sabia do que se tratava ou o seu significado. Então, recorrendo a um dicionário, pude entender que um determinado valor se referia a uma proposição e o outro a outra proposição. Consegui resolver e acertar aquele determinado problema. Foi aí que pude perceber que o segredo do conhecimento está dentro de cada palavra e podemos nos apropriar dele à medida em que interagimos com elas, com o mundo e com as pessoas à nossa volta.

O meu interesse em aprender por meio de saber do que estava dentro das palavras só aumentou. Sempre gostei de ouvir nas rádios da cidade o momento em que havia a tradução de uma música, em inglês, de amor do dia. Havia um aparelho de som em minha casa que era capaz de realizar gravações. Gravava quase que diariamente e ficava tentando associar as palavras em inglês com as que o locutor ia dizendo em português para ver se conseguia aprender alguma coisa, uma vez que a minha família não podia pagar por aulas particulares.

Esse hábito de utilizar o aparelho de som, ou seja, a tecnologia, como meio de aprendizagem, levou-me a perceber que em uma determinada banca de revistas de minha cidade havia uma coleção de revista que ensina inglês. Ela

vinha acompanhada de textos, ilustrações sobre questões culturais, exercícios diversos e um *CD* de áudio com diálogos, músicas e algumas respostas de alguns dos exercícios propostos. Eu fazia uso desse material todos os dias porque havia um grande desejo em aprender a língua inglesa mesmo que de forma empírica, incipiente e autônoma. Eu sempre achava lindo ouvir pessoas falando uma língua estrangeira. Ficava a pensar como era capaz falarmos uma língua que “não” era nossa. Questão que foi compreendida durante a graduação e pós-graduação diante da leitura sobre os postulados a cerca dos estudos sobre a linguagem.

Lembro-me que no início dos anos dois mil, computadores e a *Internet* começavam a se fazer mais presentes em escolas, empresas, bancos, *LAN houses*. Sim! Era nas *LAN houses* que eu ia baixar as músicas e suas letras para que pudesse ouvir e traduzir. Mais uma vez, percebi que por meio da tradução, eu compreenderia mais e mais sobre o que cada palavra era e o que seus significados poderiam expressar. Lia, traduzia, ouvia, escrevia.

Comecei, após um determinado tempo, a fazer um curso de pronúncia e vocabulário por meio de fitas cassetes que um amigo havia me emprestado. Com essa tecnologia, não me sentia muito confortável, pois ela apresentava algumas dificuldades para adiantar, voltar e repetir partes que mais me chamavam a atenção.

Assim, fui reunindo o máximo que eu podia aprender. Eu não perdia a oportunidade de tentar me comunicar e de entender quando me deparava com situações nas quais a língua inglesa era o principal código para a comunicação. Era assim com filmes, jornais, canções, textos escritos e até com raros nativos que encontrava em situações bem inesperadas.

Após alguns anos, por meio do bate-papo do *MSN*, comecei a fazer amizades com pessoas de diversos países e, independentemente das nacionalidades, o inglês era o veículo principal de construção de sentidos e entendimentos. No ano de dois mil e cinco, comecei a cursar o curso de Letras Português-Inglês pela Faculdade de Tecnologia de Salvador, na modalidade semipresencial, pois não havia esse curso na minha cidade e era o que eu desejava cursar, pois percebia que havia uma possibilidade real de poder ajudar

outras pessoas a aprenderem inglês e aprenderem por meio das Tecnologias Digitais de Interação e Comunicação.

Assim, as TDICs sempre estiveram presentes em minhas aprendizagens tanto como *self made student*, ou auto-didata, tanto na graduação, especialização, e em muitas das aulas do mestrado e, penso que sempre, estão presentes porque o mundo sempre foi tecnológico, ou seja, sempre se fez usos das ciências com determinados objetivos e determinados fins científicos e sociais.

Ainda, relato que enquanto professor de línguas nas instituições já citadas, sempre procuro relacionar as aulas expositivas que acontecem por meio de exposição oral, por meio do cumprimento de leituras e atividades no livro didático com mídias e plataformas digitais, pois compreendo que também é papel da escola e do professor saber como integrar o mundo escolar com a vida diária dos estudantes. Percebo que em muitas escolas, usar tecnologia é algo proibido até mesmo por meio de portarias internas. Penso que tal fato aconteça pela falta de preparo das escolas e professores por não saberem ainda como lidar com essa nova era, a era das tecnologias digitais.

Além de fazer uso de áudio, vídeo, data-show, realizo na II Unidade letiva uma atividade avaliativa construída que é a gravação de um vídeo, na qual os estudantes têm a oportunidade de colocar em prática assuntos estudados e relacionados à oralidade e à cultura digital. Nesse trabalho eles têm entre três e cinco minutos para construírem uma situação comunicacional que eles desejarem, uma vez que são livres sobre o tema, cenários, falas, configurações de edição etc. Essa tarefa tem se mostrado muito motivadora, pois eles interagem mais, constroem as falas e cenas juntos, debatem sobre os melhores caminhos para a realização das tarefas etc. Após a conclusão, cada grupo apresenta para a própria sala e outros grupos.

Nesse tipo de atividade, é o momento em que os estudantes mais se mostram interessados na aprendizagem da língua inglesa, pois, percebo, que se trata de uma tarefa que envolve o mundo deles, uma vez que se consideram nativos digitais.

Penso que não podemos depender apenas de materiais didáticos e paradidáticos já existentes, ou seja, de materiais produzidos por pessoas, editoras e empresas outrem, pois muitas vezes se distanciam de nossas realidades locais. Assim, além de fazer uso das tecnologias digitais já citadas, eu possuo contas no *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* e *Twitter*. Possuo um *blog* chamado *SmartEnglish* no qual tenho textos, materiais, vídeos e curiosidades sobre a língua inglesa e um *blog* chamado *À Luz da Sabedoria* que tem textos, poemas, poesias, romance e sentenças curtas de reflexão.

Algumas vezes, já fiz uso do *Google Classroom*, uma sala de aula digital e interativa na qual a sala de aula física é expandida para o mundo digital. Nela, os estudantes têm acesso a textos, *links*, vídeos, questões, testes e simulados que os ajudam a ampliar e a expandir seus conhecimentos sobre temáticas abordadas nas aulas. Assim, o *Google Classroom* transporta a sala física para um lugar onde se pode entrar e sair a qualquer hora do dia ou da noite, de qualquer lugar do planeta.

Acredito que não basta apenas colocar computadores nos ambientes de aprendizagem ou pensar que saber mexer em um *smartphone* seja sinônimo de saber informática ou significa saber lidar com programas de edição de vídeos ou de textos. Acredito também que não basta proibir o uso de dispositivos eletrônicos e da *Internet* nas escolas, pensando que isso fará com que os alunos aprendam mais e melhor. Penso que precisamos nos debruçar sobre leituras de trabalhos científicos sobre tecnologia e educação a fim de aprendermos e sabermos como lidar melhor com diferentes gerações e como podemos encontrar juntos as melhores formas de construir conhecimentos, pois assim como os alunos nunca serão mais os mesmos, as tecnologias estarão cada vez mais avançadas. E a escola e as práticas pedagógicas?